

CINEMA COMO INSTRUMENTO DE CONTROLO POLÍTICO E FONTE DOCUMENTAL DE ANÁLISE SOCIAL

Sandra Coelho *

Resumo: Os dois artigos escolhidos para análise dizem respeito ao cinema francês. Um desses artigos apresenta esse cinema numa perspectiva de instrumento político de controlo das colónias – “French Cinema’s Other First Wave: Political and Racial Economies of Cinema Colonial 1918 to 1934”, de David H. Slavin – e, o outro, como fonte documental no estudo da influência americana na sociedade francesa do pós II Guerra Mundial – “L’écran de la productivité: Le jour de fête et l’américanisation de la société française”, de Vincent Guigueno. Tratam-se de artigos com abordagens diferentes, mas acabam por se tornar complementares na importância do cinema para o estudo da realidade política e económica e das influências externas (no caso, da sociedade americana) nos diferentes países europeus no período entre guerras e no pós II Guerra Mundial.

Palavras-Chave: americanização da sociedade francesa, cinema colonial francês.

Resumen: Los dos trabajos aquí analizados conciernen al cine francés, como instrumento político para el control de las colonias – “French Cinema’s Other First Wave: Political and Racial Economies of Cinema Colonial 1918 to 1934”, de David H. Slavin, – o como fuente documental en el estudio de la influencia estadounidense en la sociedad francesa del pos segunda guerra mundial – “L’écran de la productivité: Le jour de fête et l’américanisation de la société française”, de Vincent Guigueno. Aunque se trata de trabajos con diferentes enfoques, terminan por resultar complementarios en lo relativo a la importancia del cine para el estudio de la realidad política y económica y de las influencias externas (en este caso, de la sociedad americana) en los diferentes países europeos durante el período de entreguerras y el pos segunda guerra mundial.

Palabras clave: americanización de la sociedad francesa, cine colonial francés.

Abstract: The two articles chosen for comparative analysis refer to the French cinema, one from the perspective of a political instrument for the control of colonies - “French Cinema’s Other First Wave: Political and Racial Economies of Cinema Colonial 1918 to 1934”, by David H. Slavin, - and the other as a source document in the study of American influence in French society of post World War II - “L’écran de la productivité: Le jour de fête et l’américanisation de la société française” by Vincent Guigueno. These articles have different approaches, but end up becoming complementary about the importance of film for the study of the political and economic reality and external influences (in this case of American society) in different European countries in the interwar period and after the World War II.

Keywords: americanization of french society, french colonial cinema.

* Doutoranda. Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas de Lisboa, Instituto de História Contemporânea. 1099-085, Lisboa, Portugal.
E-mail: sandra.coelho77@gmail.com

Résumé: Les deux articles choisis pour l'analyse concernent le cinéma français, considéré dans l'un comme instrument politique pour contrôler les colonies – David H. Slavin, “French Cinema’s Other First Wave: Political and Racial Economies of Cinema Colonial 1918 to 1934” – et, dans le second, comme une source documentaire dans l'étude de l'influence américaine sur la société française après la 2^{de} guerre mondiale – Vincent Guigueno, “L'écran de la productivité: Le jour de fête et l'américanisation de la société française”. Ces articles, bien que présentant des approches différentes, finissent par être complémentaires en soulignant l'importance du cinéma pour l'étude des réalités politiques et économiques, ainsi que des influences externes (dans ce cas de la société américaine) dans les différents pays européens dans la période entre les deux guerres et après la seconde guerre mondiale.

Mots-clés: américanisation de la société française, le cinéma colonial français.

O cinema destrói a imagem do duplo que cada instituição, que cada indivíduo se tinha construído diante da sociedade. A câmara revela o funcionamento real daquela, diz mais sobre cada um do que queria mostrar; ela descobre o segredo, ela ilude os feiticeiros, tira as máscaras, mostra o inverso de uma sociedade, seus “lapsos”. E mais do que preciso para que, após a hora do desprezo, venha a da desconfiança, a do temor (...). A ideia de que um gesto poderia ser uma frase, esse olhar, um longo discurso é totalmente insuportável: significaria que a imagem, as imagens (...) constituem matéria de uma outra história que não a História, uma contra-análise da sociedade (Ferro, 1987: 259-260).

Introdução

Através da análise de dois outros artigos, o presente artigo procura, primeiro de forma individualizada e, de seguida, comparativa, aferir da importância do cinema enquanto fonte documental, na perspetiva de instrumento de controlo político e de influência social. Os artigos escolhidos como fio condutor de análise referem-se, por um lado, a uma análise do

historiador Vicent Guigueno em: “L’écran de la productivité: Le jour de fête et l’américanisation de la société française”, sobre as técnicas de produtividade americana e a influência que estas exerceram no pós II Guerra Mundial na Europa. Trata-se de uma análise feita através do filme do realizador francês Jacques Tati de 1949, *Jour de Fête*, distribuído no mesmo ano e que alcançou bastante sucesso.

O artigo de Vicent Guigueno insere-se numa discussão mais vasta sobre o efeito da americanização na sociedade francesa e a sua aceitação, maior ou menor, consoante os autores, na sociedade francesa. O debate sobre a reação francesa aos métodos de produtividade americanos oscila entre as opiniões do sociólogo Luc Boltanski, que defende a existência de um fascínio francês, a partir de 1940, pela sociedade americana (Boltanski, 1981) e a de Marie-Laure Djelic que preconiza que a influência americana terá sido diminuta e as “grandes unidades de produção, padronização e produção em massa permaneceriam os fundamentos da política industrial francesa e por muitos anos esta escolha nunca foi questionada” (Djelic, 1998: 150) acentuando e *overestimating* o papel de Jean Monnet e seus aliados americanos, segundo os autores Jonathan Zeitlin e Gary Herrigel que se debruçaram sobre o estudo da americanização e os seus limites, no âmbito do contexto europeu, mas abordando, de igual modo, o caso japonês (Zeitlin e Herrigel, 2000).

A escolha deste artigo em concreto justifica-se pelos propósitos aqui enunciados de indagar o filme enquanto fonte documental e de análise social e na tradução que faz das relações entre os EUA e a Europa após a II Guerra Mundial.

Relativamente ao artigo intitulado: “French Cinema’s Other First Wave: Political and Racial Economies of Cinema Colonial 1918 to 1934”, de David H. Slavin, este insere-se no quadro das relações entre as potências colonizadoras e as respetivas colónias, neste caso as francesas, e da forma como o cinema funcionou enquanto meio de controlo social e político na

exaltação do império colonizador e da superioridade ocidental face aos exotismos e imaginário coloniais. Centra-se no período entre 1918 e 1934, procurando traçar, não só a evolução da indústria cinematográfica europeia face à competitiva americana hollywoodesca, mas descortinando, de uma forma clara e evidente, sendo essa a principal razão que justifica a sua presença neste artigo, a utilização do cinema como elemento de controlo político e do fabrico de uma imagem, paternalista na projecção para o exterior, mas, correspondendo, na realidade, a uma assunção de superioridade das nações colonizadores face aos países subjugados.

L'écran de la productivité: Le jour de fête et l'américanisation de la société française

Vincent Guigueno



Cartazes do filme de Jacques Tati

Os dois artigos escolhidos para análise e discussão comparativa dizem respeito, como vimos, à realidade do cinema francês e às influências que sofreu da cultura americana e as muitas outras que exerceu nas colónias do império francês. Em “L’écran de la productivité: Le jour de fête et l’américanisation de la société française”, Vincent Guigueno, historiador francês, professor de História da Tecnologia na École des Ponts,¹ evidencia a influência americana nos hábitos e técnicas de produtividade na sociedade francesa do Pós II Guerra Mundial. Fá-lo através de um filme do realizador Jacques Tati, de 1947, *Le Jour de Fête*.



Jour de Fête, de Jacques Tati

O universo deste realizador e do seu estilo está estritamente associado, quer aos aspectos técnicos, distintos dos demais filmes da época,

¹Engenheiro de l'École polytechnique (1991) e de l'École des Ponts (1994), doutorado em história pela Université de Paris (1999), Vicente Guigueno é responsável por investigações no Ministère de l'Écologie et de l'Energie, do desenvolvimento sustentável e do mar. Autor de inúmeras publicações e documentos audiovisuais é, de igual modo, co-realizador do documentário *Montoire, l'image manquante* (Les Européens/CNRS/INA, 1998). Publicou diversas obras na área do cinema e da história da tecnologia, respectivamente: “L’historien et le film” (Galimard, 2004) e “Aux services des phares. La signalisation maritime en France » (Presses Universitaires de Rennes, 2011).

quer à forma como materializa a experiência do movimento moderno da década de 50. Presentes nos seus filmes estão o uso de objectos e arquitectura futuristas, a comédia e, sobretudo, a influência norte-americana na cultura francesa. Estes aspectos permitem uma reflexão e um estudo do período do pós-guerra, de uma sociedade que se moderniza e que se debate com novas relações sócio-técnicas.

No filme *Jour de Fête* é retratada uma pequena aldeia de Sainte-Sévère-sur-Indre onde, durante a festa anual, o carteiro François é vítima de uma partida. Depois de embriagado, é incitado pelos habitantes a ver um documentário sobre os métodos revolucionários de distribuição de correio nos Estados Unidos, métodos estes que ele acaba por tentar aplicar a partir do dia seguinte. Assim, são inúmeros os momentos do filme em que a identidade tradicional francesa se depara com o processo de globalização, como por exemplo, a sátira à velocidade exigida pelo mundo moderno aparece na coexistência da bicicleta com os automóveis norte-americanos.



Jour de Fête, de Jacques Tati

É a partir deste filme que o autor do artigo, Vincent Guigueno, tece algumas considerações sobre o esforço de modernização e de produtividade após II Guerra Mundial bem como a influência americana neste mesmo

esforço. Desde logo, com o plano Marshall, que, além da ajuda financeira directa, inspirou indirectamente um plano de fomento e de recuperação próprio francês, o plano Monet. Para além desta ajuda financeira, os EUA disponibilizaram condições logísticas e técnicas para a ida de diversas missões francesas aos EUA com o objectivo de observar as técnicas de produtividade em vigor na economia americana.

Como pudemos verificar anteriormente, aquando dos parágrafos introdutórios das várias correntes sobre a recepção da influência americana na sociedade francesa, esta vaga de americanização nos seus moldes técnicos, mas igualmente sociais, apresentou uma dimensão não tão ampla como se poderia crer, nem tão profunda como naturalmente esperariam o *management* económico e político americano.

Guigueno, em jeito de conclusão, reforça precisamente esta ideia, a de que os sentimentos dos “missionários” franceses foram algo contraditórios, pois, se, por um lado, “(...) haviam sido seduzidos pela eficiência económica extraordinária das empresas visitadas, por outro estavam preocupados com os altos preços socioculturais decorrentes da adoção dos métodos de trabalho americanos. Esta ambivalência teria moderado seu entusiasmo na “importação” desse modelo em França após a Segunda Guerra Mundial” (Guigueno, 1995: 118).

Duas notas se impõem antes da análise do segundo artigo: a primeira respeitante à profícua utilização, por parte do autor, de um filme na sua abordagem ao estudo da americanização da sociedade francesa, a par dos relatórios dos missionários franceses que aos EUA se deslocavam com propósitos de conhecimento da tecnologia e modernidade americana.

Por outro lado, importa salientar a importância do cinema como tradução de uma *contra-análise da sociedade*, pedindo emprestada a expressão de Marc Ferro, na caracterização que permite das relações entre os EUA e a Europa neste período após o segundo conflito mundial, mas de igual modo, nas relações entre as potências europeias e as colónias. O

cinema como elemento decifrador do que não é visível, dizendo mais sobre a sociedade do que a própria quer dizer.

French Cinema's Other First Wave: Political and Racial Economies of Cinema Colonial 1918 to 1934

David H. Slavin

David H. Slavin, professor da história do cinema na Rutgers University, em “French Cinema's Other First Wave: Political and Racial Economies of Cinema Colonial 1918 to 1934” centra-se na análise da importância do cinema colonial francês como instrumento político de enaltecimento do império, mas, ao mesmo tempo, evidencia o contributo que a mesma indústria cinematografia teve na visão do colonizador, da superioridade ocidental face aos exotismos e imaginário colonial: “O colonialismo funcionou como um dos agentes de ligação de um “cimento” social que assegurava a lealdade da classe trabalhadora à Terceira República e o cinema como agregou em torno de si formas de obter lazer e entretenimento de massa as quais estavam contribuindo para a criação de uma coesão cultural” (Slavin, 1997: 24).

No período estudado, entre 1918 e 1934, o ano de 1920 revela-se importante na medida em que a emergente geração de cineastas franceses, Jacques Feyder, Jacques de Baroncelli e Léon quebra com a tendência francesa de imitar “the international American Style” inaugurando um tipo cultural específico de filmes onde as colónias seriam um importante e significativo componente. O governador-geral da Indochina, Sarraut,²

² Albert-Pierre Sarraut foi Governador-geral da Indochina entre 1912 e 1919 e Ministro das Colónias entre 1920 e 1924. Posteriormente, foi Primeiro-ministro da França em duas ocasiões na III República. Enquanto ministro das colónias procurou implementar um plano de desenvolvimento colonial desenvolvido na sua obra *La mise en valeur des colonies françaises* (1923) na qual a colonização económica seria fundamental.

procurou implementar uma indústria cinematográfica em 1922, no entanto as condições logísticas impediram a concretização deste projecto, tais como condições climáticas extremas, custos de produção elevados face à distância que se encontrava de França, inexistência de actores locais experientes, entre outros. Apesar de o projecto não ter mostrado continuidade, os ensaios cinematográficos que se conhecem transmitem uma ideia serena sobre as colónias como sendo um espaço territorial politicamente estável, contudo, na realidade, esta apresentava os primeiros sinais de rebelião na busca da independência. Outras colónias, porém, apresentavam-se politicamente mais estáveis no decorrer da década de 20, pactuando com o estado francês da 3ª república de forma política e económica. A indústria cinematográfica marcava a sua presença onde era possível, na tentativa de competir com a indústria americana, através de todos os meios que estivessem ao seu dispor, como era o caso dos disponibilizados por Marrocos.

Os recursos disponibilizados e a exploração cinematográfica nas colónias, não se revelavam suficientes na competição com a indústria americana, parte do problema encontrava-se na forma de gestão dos estúdios. Hollywood mantinha o monopólio do cinema concentrado em poucos estúdios e através destes, geria a produção cinematográfica, ao contrário da indústria francesa que detinha vários estúdios em rivalidade, inclusive com produção por parte de pequenas empresas, muitas destas familiares e de produção limitada. Esta situação é acentuada nos anos 30 pela existência em Hollywood de apenas oito estúdios responsáveis pela produção de $\frac{3}{4}$ de toda a produção cinematográfica, em oposição à indústria francesa cujos seis principais estúdios apenas detinham $\frac{1}{9}$ da produção. Este problema era extensível à própria distribuição dos filmes, os quais viam a sua exibição em França limitada aos desígnios das empresas distribuidoras e dos donos das salas de cinema onde os mesmos eram exibidos.

As produções marroquinas mantinham um papel preponderante na concorrência cinematográfica inter-atlântica, com o apoio dado às companhias de cinema francesas, no entanto o cinema desempenhava paralelamente um papel político, como na demonstração da força militar e colonial de França. Disso é exemplo o recurso aos filmes por parte do general Hubert Lyautey (1854-1934), para estabelecer contactos e impressionar o sultão de Marrocos, os notáveis e os líderes religiosos muçulmanos, utilizando para o efeito, filmes das paradas militares francesas decorridas na Bastilha: “A assistência da produção cinematográfica francesa era parte da sua ampla estratégia para construir uma imagem como especialista nos assuntos coloniais e, assim, garantir a mínima intromissão dos governos internos.” (Slavin, 1997: 32).

A imagem do imperialismo francês como uma supremacia face a outros países colonizadores, foi uma das principais consequências desta manipulação política do cinema.

Notas Comparativas

Da leitura e análise dos dois artigos escolhidos podem retirar-se algumas ideias interessantes no âmbito do estudo das sociedades europeias e na sua relação com as colónias no período entre guerras bem como no interior da própria sociedade face a influências económicas e culturais externas, como o caso observado da sociedade americana no período pós II Guerra Mundial.

A utilização de um filme como fonte documental para o estudo das técnicas de produtividade americanas revela-se tão útil como os relatórios produzidos pelas diferentes missões de franceses que, sob pretexto de inovar e modernizar a economia francesa se deslocaram aos EUA. O filme de Jacques Tati, *Jour de Fête* permite-nos, de uma forma aparentemente burlesca, constatar do desfasamento entre os modelos americanos que se

procuravam implementar na sociedade francesa e a realidade tradicional aí existente. Desde logo porque estas duas realidades tinham um berço civilizacional e influências culturais completamente diferentes, impossibilitando um decalque puro das técnicas e modelos americanos.

Por outro lado, e tendo como base o segundo artigo, concluímos da importância do cinema enquanto elemento de controlo e propaganda política, no caso das sociedades europeias e das colónias. A instabilidade e relações tensas com a elite política local que pudessem existir eram disfarçadas através dos filmes, fossem eles testemunhos da grandiosidade da metrópole ou enaltecendo o exotismo dos habitantes das colónias. A existência de uma indústria cinematográfica colonial que procurou fazer face à indústria americana é, de igual modo, indício da importância que o cinema adquiriu no contexto imperial e social do período entre guerras. Trata-se de dois artigos complementares que nos evidenciam as múltiplas potencialidades do estudo do cinema em contexto social, económico, político e relações entre as diferentes fronteiras dos espaços europeus e além-europa.

Referências Bibliográficas

- AMENGUAL, Bartholomy (1954), « L'étrange comique de Monsieur Tati ». *Cahiers de Cinema*, Paris, 32.
- BERGSON, Henri (1991), *O Riso*, Rio de Janeiro: Relógio d'Água,.
- BOLTANSKY, Luc (1981), « America, America...Le plan Marshall et l'importation du management », *Actes de la recherche en sciences sociales*, 38, Mai, pp.97-143.

- DJELIC, Marie-Laure (1998), *Exporting the American Model. The Postwar Transformation of European Business*, Oxford: Oxford University Press.
- FERRO, Marc (1987), “O filme: uma contra-análise da sociedade”, in Jacques Le Goff, (dir.), in *Fazer História*, vol. 3. Venda Nova: Bertrand Editora, pp. 255-276.
- GUIGUENO, Vincent (1995), “L’écran de la productivité: Le jour de fête et l’américanisation de la société française” in *Vingtième Siècle. Revue d’Histoire*, volume 46, pp. 117-124.
- KUISEL, Richard F. (1993), *Seducing the French: the Dilemma of Americanization*, Londres, Berkeley: University of California Press.
- SLAVIN, David H (1997), “French Cinema's Other First Wave: Political and Racial Economies of "Cinema colonial," 1918 to 1934 in *Cinema Journal*, vol. 37, nº 1, pp. 23-46.
- ZEITLIN, Jonathan e HERRIGEL, Gary (2000), *Americanization and its Limits. Reworking US Technology and Management in Post-War Europe and Japan*, New York: Oxford University Press.

Filmografia

Le Jour de Fête (1949), de Jacques Tati.